

LIVRARIA POPULAR

N.º 19

VIDA
E FAMOSAS ACÇÕES DO CELEBRE
COSME MANTOSO

EM QUE SE RELATA A SUA AMBICÇÃO, TRABALHOS, MISERIAS
E LOGROS EM QUE CAIU.



PORTO — 1867.

NA TYP. DE A. A. PEREIRA LEITE

Vende-se na Livraria Popular, Largo dos Loyos, n.º 45.

VIDA E CELEBRES ACÇÕES DE COSME MANHOSO

PRIMEIRA PARTE

Murros tem sido os Heróes, que no mundo se tem feito nomeados, e que tem merecido que as suas vidas fossem estampadas em laminas de bronze, uns pelas armas, e outros pelas letras, cujas heroicas acções tem servido a que muitos levados d'um estímulo de honra tenham sido seus imitadores; mas a presente vida deste, que vou a descrever, sô servirá para não ser imitada; pois lendo-se n'ella as infelicidades que lhe succederam, fugirão todos de serem seus imitadores, cujos trabalhos lhe sobrevieram da mesquinharia da vida, e da ambição de ajuntar.

E' este o celebre Cosme Manhoso, oriundo do Reino de Galliza, cuja patria d'onde os seus progenitores tiveram o seu nascimento se ignora, e a razão de nos ser occulta a pobre Aldea, é porque nenhuma o quiz por filho; e se em outros tempos contenderam entre si sette Cidades da Grecia querendo todas ter por seu filho a um sabio, cá na nossa Europa contenderam quatorze Aldeas, sobre nem quererem ser madrasta deste mesquinho; e assim passo em silencio este ponto, e só declaro que seu Pai fora homem tam nomeado que até caminhando para a morte mereceu ser acompanhado da misericórdia, cujos merecimentos adquiriu por usar com os caminhantes a charidade de os alimpar, e por premio conseguiu ser condemnado. Só sua

Mãe teve outro fim, pois por dar sahida ao que o marido alimpava, veio a ter entrada na Cadéa, sabindo depois a correr as ruas, e a ser corrida de vaqueta, sendo depois mandada para onde não podesse usar mais do tal officio, e n'esta orphandade ficou o pequeno Cosme, entregue á discripção da natureza, ora ás sopas d'uns, ora ao abrigo d'outros, pois como não tinha tido parte no todo dos maus costumes dos Pais, não faltava quem o abrigasse; mas á proporção que ia crescendo se lhe iam conhecendo uns vislumbres de que em tempo nenhum poderia ser homem de probidade.

Vendo um Lavrador d'aquelles sitios que Cosme já podia ganhar o sustento, occupando-se em algum trabalho, e que a ociosidade é mãe dos vicios, o levou para sua casa, e n'ella o condecorou guardador de ovelhas de um rebanho que logo lhe entregou dos muitos que possuia, em cujo emprego pouco tempo persistiu; porque o seu grande espirito o incitava a ver o mundo, e a trocar o agreste dos montes pelos soberbos edificios da Cidade, e mais que tudo por se livrar de lhe darem em rosto com a morte do Pai, e vida da Mãe; e fazendo uma seria reflexão, assentou de vir até á Cidade de Lisboa, aonde por muitas vezes ouvira dizer, que em outros tempos tinham vindo patricios seus, que adquiriam em poucos tempos tantos bens, que hoje na sua patria os seus successores estavam possuindo grandes morgados, e n'estas conside-

rações de que ajuntando poderia também vir a ser instituidor de algum, assentou de experimentar fortuna, para o que se despediu do seu Patrão, Patria, Amigos, e ovelhas, cuidando primeiro que tudo em ajuntar o seu movel, o que feito se poz a caminho sem ter saudades do que deixava; porque nada possuia, e enfiando tudo em uma pequena toxa, que lhe servia de guarda-roupa, a pôz ás costas mettendo-se na estrada real, seguindo com vagarosos passos a sua jornada, no decurso da qual se valeu sempre de pedir, por não querer imitar o Pai no tirar, e quando mal se precatou se achou na populosa Villa de Santarem aonde embarcando veio aportar com feliz successo ao Caes de Santarem, em Lisboa, em cujo sitio apenas chegou passou revista ao seu movel para ver se vinha todo, o que nada lhe faltava: constava este de umas catças largas de estopa, uma caniza de tomentos, e um pellote surrão, e estando embaçacado vendose em terra alheia, eis senão quando acudiram logo outros seus semelhantes, mas já veteranos, uns da mesma patria, e outros vizinhos, e passadas as primeiras suas costumadas zumbaias, lhe entraram a inquirir muito por extenso as novidades da terrinha, e que ainda não estando bem narrado o conduziram a uma taberna, que é a primeira sala onde estes amigos costumam introduzir e cumprimentar os seus hospedes.

Não se esqueceu Cosme de requerer áquelles irmãos da sancta ganhuça a dorrota que devia seguir, e por charidade lh'a insinuassem, e o mais seguro norte para a ganhuça, ao que elles satisfizeram, dando-lhe sobre alguns tragos as primeiras lições da vida, que devia seguir, e em que são mais certos os cobres; logo alli o armáram de corda e sacco, para fazer fretes miudos em quanto se não ageitava para a canga, e molheha ou para outro qualquer trabalho de mais ganhança.

Decorou Cosme as suas lições, de sorte que em poucos dias sabiu á praça muito mais ladino, que seus mestres, pois no seu tempo não houve outro igual, que o desbancasse

na labia de encarecer o seu trabalho, para ser bem pago d'elle; com balbuciante submissão se inculcava para os fretes sem se desavir no porte, e feito o transporte eram tantas as caramunhas, e taes os aranzeis que a gente de boa avença só pelo não aturarem lhe dávam o que elle queria.

Logo que começou a exercitar e tracto assentou comsigo de nunca ter o pé dormente, nem o ventre farto, e jubilando nos tributos da miseria, porcaria, e bandalhisse condemnando-se de sua livre vontade á maior lazeira, fazendo firme proposito de nunca gastar mais em cada dia de trinta reis, e estes não se haviam de dispendir senão em feijões, sardinhas, azeitonas, verde, ou tremossos; porque tinha para si, que outro qualquer comer lhe causaria ancias, e indigestões.

Bem via Cosme, que humanamente a sua barriga não podia acceitar um preceito tam rigoroso; mas com tudo elle lhe intimou esta dura lei, e lh'a fez observar á risca contra o parecer dos seus camaradas, que muito o matraqueavam chamando-lhe «Mirra,» ao que elle respondia: «quem come sem conta vivo sem hora,» e para dar mais algum alento sem gastar do seu nem exceder á regra taxada, deu no segredo de matar a fome á custa dos camaradas; espreitava quando elles iam para a taberna, e entrando alraz d'elles com a sua piranga na mão, lhes dizia que não podia comer só, e sentando-se á meza mettia suas historias, e parouvellas até que o convidassem, e então sem se fazer grave obedecendo dizia que não era mofino em acceitar, e assim comia como tolo, ficando mais tolos os que o convidavam. E quando em taes lances dava com algum duro seu semelhante, e tam mofino como elle, dizia: «oh homem as tuas sopas cheiram que consolam, eu hei-de provar;» e sem esperar nada mais enchia os coiros, e dizia: «benzame Diós! do alheio ninguem se biu farto?» e destas estafas andavam já todos tam escaldados, que quando o viam á porta da taberna, ou tractavam de engolir tudo de um bocado ou punham as mãos sobre as sôpas para

as livrar do milhafre; o qual podendo não perdia occasião de fazer preza.

Era Cosme de pequena estatura, muito esperto, e prompto no comer se o achava de molle no engolir; mas como a sua taxa ordinaria fosse tam limitada, veio a transformar-se em esqueleto, e a reduzir-se a tal fraqueza, que um leve bafo de vento o derrubava; por cuja causa os camaradas lhe advertiam que se não tractava de dar ao seu corpo o necessario alimento, nuuca prestraria para a canga, e viria a dar em uma thysica. Muito acceitou Cosme este conselho, e para se melhorar de comida deu em apressar os comestiveis; provando de todos sem comprar nenhum. Varios contos se referiram de Cosme a este respeito, com que os outros seus semelhantes passavam a vida e o tempo em galhofa, de sorte que chegou a ser conhecido na Corte por um dos homens mais celebrados na mesquinharria, e bandallice.

Assim como ia crescendo na idade ia crescendo nos desejos de maior ganancia, e sentindo-se com alguns tostões, desenganando-se de não poder emparelhar na canga, se deitou á ganga de bofarinheiro, empregando alguns vintens em leques, fitas, pentes, dædas, agulhas, alfinetes, e outras borundangas; que apregoava por essas ruas, no que ganhou em pouco tempo muito dinheiro; mas nem por isso foi mais liberal com a barriga, antes vendo-se com a obrigação de andar calçado, cuidou em dar maiores nós na bolsa; quando chegou aos trinta annos, começou a ter grande fama de rico, e não era mal fundada, pois tinha, ainda que á custa do seu faminto corpo, ajuntado mais de seis mil cruzados (tanto furtou o miseravel a si mesmo).

Quando mais engolfado se achava n'aquella traficancia, em que crescia em cabedæas a olhos vistos, se prohibiram os bofarinheiros. Viu-se Cosme na precisão de mudar de tracto, não faltou quem lhe dissesse tomasse o de aguadeiro por ser traficancia, em que se negociava sem empregar cabedal: tomou Cosme o conselho, e o barril; mas como se não sentiu com forças para o trabalho, nem

com animo de comprar um burro que o ajudasse, se dispoz o novo emprego.

Deixou o tracto, e accommodou-se com certo Cavalheiro estrangeiro para servir de escada acima: o ganho do salario não correspondia ao que tinha das bofarinhas, e isto o fazia banzar, até que deu na invectiva de vender a ração, e adquirir o sustento pelo estylo antigo. Para isto se metten de gorra com um gentil-homem da casa, que a troco de lhe escovar o vestido e limpar os çapatos, lhe dava os sobejos da ração, e com isso passava sem abrir a bolsa, senão para recolher o salario, e a mezada da ração que vendia.

Só quando servia á meza de seu amo, se fariava, poupando o trabalho aos moços das cópa, lavando-lhe a prata que lhe sabia nas mãos, mais limpa que elles a punham na meza, e enchendo as algibeiras de tudo, que sem perigo se podia guardar para o outro dia, e assim mandava bugiar aos fartos, e se contentava só com chuchar os dedos.

N'este tempo se tractava Cosme com mais acieo pela precisão que tinha de usar de uniforme, que seu amo dava aos creados, e como elle sobre a fama de rico, não tinha a de bebado nem de jogador, sahiram-lhe muitos casamentos, a que sempre deu de mão temendo algum mau successo respondendo a quem n'isso lhe faltava, que não se queria casar sem grande conveniencia e depois o fez sem nenhuma, como logo direi.

Entre muitas Senhoras, que o pertenderam para marido, foi uma que se tractava como viuva, não tendo sido casada, era mulher de bom gosto, e de bastante idade, ainda que não cahia da tripeça; e tinha habilidade para encobrir a idade e velhice com a industria dos adornos de sua pessoa nos limites de uma legitima, e não bastarda viuvez.

Era rica dos bens de fortuna, segundo ella dizia, e assim affirmavam os que a quizeram ajudar a mentir, e o tractamento e fausto de casa, abonava a mentira, razão porque o vulgo se adiantou a dizer mais do que na verdade era. Propozeram a Cosme este matrimonio, pintando-lhe de lindas cores a noiva, e assegurando-lhe uma boa proprie-

dade de casas, e o melhor de quinze mil cruzados em dinheiro, jóias, baixela, adornos de casa muito estimaveis.

Estes uniformes fizeram tal abalo no ambicioso animo de Cosme, que vendo-se rogado para esposo de uma mulher rica, se deu logo por casado, sem mais averiguações. O que propunha este casamento, era um zangalhão, grande tractante do alto, não só de casamentos, senão d'outras mercadorias, trapaceiro jubilado, e como tal escolhido para ajustar este casamento a troco de boas luvas, que lhe tinha promettido a fingida viuva.

Tractou logo a levar Cosme á mostra, para que não houvesse perigo na tardança, como quem não sabia, que as dilatações e a morte, desfazem muitos matrimonios. Entrando Cosme em casa de Eufrozina (que este nome tinha aquella harpia) ficou abismado de ver os ricos cortinados, e tapeçarias das salas, notando miudamente tanto aceio, naquella que queria ser sua esposa, a qual estava em uma camara entre tantos demascos, velludos e perfume, tam honestamente composta em seu traje de viuva, que Cosme deu mil parabens á fortuna em lhe deparar tanta belleza, e opulencia, sem lhe passar pelo pensamento, que tudo era fingido, e que a ser verdadeiro não seria para elle. Estava acompanhada de duas creadas, uma de almofada, e outra da cozinha, ambas muito bem parecidas.

Admirou-se Cosme sobretudo do agrado, gravidade, e descripção da noiva, que pelo garbo, e pelas caricias que lhe fez, lhe pareceu a mesma Graça; pois foram tantas e tam bem representadas, que Cosme se agradou e namorou d'ellas, desfazendo-se em requebros, e mostrando o singelo coração nas mãos, em signal do seu rendimento: mostrou-se ella cortezmente agradecida ao casamenteiro pela mercê que lhe fazia, em querel-a empregar tam bem, e para que Cosme mais facilmente cahisse na armada esparrella, o convidou logo a uma merenda, em que ostentou uma rica baixela de prata, e de tudo o mais que era preciso que se visse em uma casa tam grossa, como a de Eufrozina.

— Achou-se á merenda um mocetão chamado

Aleixo, muito gracioso, e desembaraçado, a quem ella tractava por seu sobrinho. Serviu á meza uma das creadas chamada Leonor, e a outra, durante a comida, tocou uma cithara, ao som da qual cantou muito bem, sem esperar que a mandassem; porque nada tinha de acanhada, nem bizonha.

Não sei dizer no que Cosme achou mais gosto, se nos guizados, ou na musica, por que, se na doce voz de Leocadia (que deste nome usava a cantora) leve para os ouvidos harmonia suave, na merenda achou recreio muito mais especioso para o seu estomago tam pouco costumado a regalos, como a faturas; o que posso dizer é, que ao som da musica não fez Cosme senão comer, e sem lhe levantar testimonho, crejo que elle comeu mais n'esta tarde do que em vinte dias á sua custa; pois até a mesma noiva o provocava a comer, mettendo-lhe na bocca bons bocados, e só n'isto levou elle certamente na barriga mandioca bastante para não necessitar de comer muitos dias.

Acabada a merenda, accenderam-se luzes, affinaram-se os instrumentos, e dançou Leonor e Aleixo, com tal donaire, graça, e compasso, que entre as mudanças se elevaram os sentimentos de Cosme, e tam embêbido, embasbacado estava com a galhofa, que estremeceu quando o corrector das desgraças [quero dizer casamenteiro] lhe disse que eram horas de repouzar a senhora Eufrozina.

Despediu-se Cosme com reverentes cortezias, e ternura, indo pelo caminho, rendendo graças ao inculcador; o que deixámos para na segunda parte darmos a ler o que succedeu a este infeliz no seu mal acertado casamento, em que este ambicioso tudo achou ás avessas do que viu e cuidava; chegando á ver-se depois de enganado, sem moveis, creadas, mulher, e sem real, que tantas fomas lhe tinham custado, promettendo relatar tudo por extenso, do que espero dar gost aos curiosos, esperando d'esta uma boa acceitação.

SEGUNDA PARTE.

E' justo, curiosos leitores, que vos dê a ler

a segunda parte da vida do celebre mesquinho, e mal affortunado Cosme Manhoso; e se na primeira parte achastês graça e mereceu a vossa acceitação, nesta segunda espero não acheis menos, e antes talvez acheis mais com que vos divertir, vendo o mallogrado casamento deste infeliz, a transfiguração da noiva, e a idêa de o roubarem, vendo-se Cosme em pouco tempo cazado com riqueza fingida, com formosura phantastica, è logo sem mulher, nem bens, e na ultima consternação.

Deixamos a este ambicioso, na primeira parte, na retirada para sua casa, hindo da de sua futura noiva acompanhado do velhaco do casamentoiro, a quem foi pelo caminho rêndendo sinceros agradecimentos pelo bom acerto que lhe inculcára; è fallando nas prendas de Eufrozina, e nas suas riquezas, manifestando-lhe o grande dêsejo que tinha de se ver já na posse dellas, mas que depois de casado se não querja tractar com aquella ostentação que vira; porque tanta profusão è grandeza era mais propria a um fidalgo do que a um particular como elle: pois com a sua razão, e alguma cousa mais, podia passar a vida com sua mulher mui regalado, e que sejs mil cruzados que tinha, e dez mil que podia ajuntar, desfazendo-se de algumas alfaias que Eufrozina tinha, bem escuzadas ao seu tratamento, era melhor dal-os a juro, pois para o seu bastavam quatro colheiros, uma salva, um côpo, duas facas e quatro garfos, e que tudo o mais era superfluo e se podia poupar para deixar aos filhos, se os tivesse, ou ao Sobrinho de Eufrozina, se este lhe quizesse ser sujeito, e obediente respeitando-o como pai.

Fazia Cosme estes discursos tam sèriamente como se o casamento estivesse já concluido, e não houvera nelle tantos descontos, como logo contaremos. Pediu elle ao casamentoiro que se não descuidasse deste negocio; e promettendo-lhe premiar bem o seu trabalho se despediu d'elle.

Voltou o casamentoiro a dar a Eufrozina conta do estado em que se achava a bem armada logração, referindo-lhe a delineada

economia que acabava de ouvir ao desgraçado Cosme, encarecendo-lhe que elle era rico, usando para com ella dos mesmos grandes encarecimentos, affirmado-lhe as grandezas que a ella se lhe seguia, o grandes conveniencias que ella fazia neste casamento, encarecendo-lhe tambem o muito que elle trabalhava, para que se affectuasse. A noiva, que melhor que elle sabia o negocio que fazia no engano que maquinaava, metteu-lhe na mão meia moeda, como signal do premio d'antes promettido, e encommendou-lhe que logo pela manhã buscasse a Cosme, lhe desse a entender que ella se julgava por muiditosa em ser sua consorte, e que da sua parte o convidasse para vir jantar com ella, e assistir á factura da escriptura do elle.

Madrugou o casamentoiro a dar os bons dias a Cosme, que já achou desperto, porque já o amor, que só na primeira vista concebeu á sua noiva, era tam grande, que já na alma lhe dava taes nós-cegos, que o não deixavam repousar; pois tudo era suspirar pela ditosa hora de se ver na posse de tanta riqueza, e formosura.

Recebeu elle nos braços ao seu bom amigo, (que assim chamava elle ao procurador dos seus trabalhos) e no coração as novas da sua ventura: logo vestiu a mais custosa gala, que a sua miseria lhe consentia, e acompanhou o norte das suas desgraças até casa de Eufrozina, onde foi recêbido de Aleixo com respeitosas cortezias, e daquella sereia encantadora com affectuosas caricias. Com agradecimentos e submissões, o entreteve Aleixo, rêndendo-lhe as graças pelo lugar que lhe dava de filho, até que chegou a hora de jantar, e não necessitou Eufrozina de gastar muitos rogos e palavras, para obrigar a Cosme, que fosse com ella para a meza; antes elle rogeu aos mais que o fizessem, livrando-a desta não pequena penalidade. Satisfez Cosme o seu gosto no bem guizado do jantar; (sem imaginar que lhe havia custar tam caro) mas não deixava de se affligir vendo a Eufrozina tam pródiga, (como quem fazia conta de pagar-se por suas mãos) parecendo-lhe a profusão da meza desperdicio, e vaidade

Depois de comer perguntaram a Cosme se queria em lugar de dormir a sêsta jogar as cartas, visto não haver alli cama para hospedes: respondeu que servia a um Cavalheiro tam bom Christão, e tam virtuoso, que não consentia jogo a seus criados; e que por lhe fazer a vontade nem as cartas conhecia, e que além disso tinha para si que o não saber jogar valia muitos cruzados. Então, disse Eufrozina, bello exemplo é esse para meu Sobrinho; toma aquelle conselho Aleixo, e dirás a essas creadas que venham para fóra, e que tragam a cithara, porque a tarde é larga, e convém entreter ao senhor Cosme com algum divertimento.

Cosme pelo que ouviu a Eufrozina, suspeitou que Aleixo fosse algum perdulario, e por isso disse: Se o senhor Aleixo deseja dar-me gosto, retire-se do jogo, e de sair de noite fóra, porque só assim seremos amigos; e se fizer o contrario tem muito que soffrer, porque costume recolher-me cedo, e não só fechar logo a porta, senão trancal-a, (isto não é porque eu seja zeloso, pois ignorante é o que admite ciumes, tendo mulher honrada) senão porque sei que as casas ricas não estão livres de ladrões; e não quero que me levem ás mãos lavadas o que me custou tanto trabalho a ganhar, isto deve ter entendido o senhor Aleixo, para ter paz comigo; e senão como elle é moço terá logar a emenda. Viu Eufrozina o seu esposo tam cholérico, que foi necessario valer-se das suas caricias para o desanojar, e por fim lhe disse: que se não desgostasse porque o rapaz faria quanto lhe mandasse, pois que tinha um genio muito docil.

N'isto sahiram as criadas e Aleixo com sua dança e musica, em que se passou a tarde, até que chegou um tratante, que havia de lavar a escriptura do dote como Tabellião, sendo um peralvilho de proposito buscado para fazer esta tramoya. Lavrou-se à escriptura, lançando Eufrozina nella doze mil cruzados de seu dote, e as casas em que morava avaliadas em seis contos de reis. Como Cosme era bonacheirão, e despido totalmente de to-

da a malicia, não se mettu em mais averiguações, antes ficou tam seguro, e contente, que depondo a sua authoridade, e pondo-se em fresco desafiou a noiva para dançar, e o fizeram ambos como minguem.

Entretanto se chegou a hora da ceia, a qual se fez com o mesmo apparato, e ostentação com que se fizera o jantar, se bem Cosme mal dissimulava a pena que lhe causava tanto gasto, julgando já, como dono da casa, que se assim se continuasse a gastar não chegaria o dote, nem para quatro dias. Pertendeu Cosme poupar-se ao trabalho de ir a sua casa aquella noite, mas Eufrozina lhe tirou isto da cabeça dizendo-lhe, que era contra o seu recato, e reputação. Satisfeito desta razão sem mais instancia se retirou Cosme a dormir a sua casa, ou a velar, porque os seus novos cuidados não permittiam mais.

No dia seguinte madrugou mais do seu costume, e foi comprar joias, e um rico vestido para a sua noiva; mas tudo comprou fiado, só para não bolir nos seis mil cruzados que de seu possuia, fazendo de conta que com isto, e com a mortalha, tinha enfeitada a noiva por toda a vida, não porque lhe viesse ao pensamento a morte da esposa, senão porque queria que ella só vestisse aquella nova gala nas principaes festas do anno, e que assim lhe duraria por toda a sua vida.

Finalmente depois das costumadas denuncias da Igreja, se fez o grande noivado de Cosme, que de casa de seu amo trouxe os Padrinhos. Elles lhe louvaram muito o bom acerto, e a escolha que fizera de uma mulher de tam engraçado e lindo parecer, e tam rica; pois ainda que Eufrozina era de mais idade que o noivo, contra o parecer dos phylosophos da tempera velha, ella desmentia de tal modo a idade, que ajudada dos seus unguentos parecia uma rapariga de vinte e dois annos.

Feito o noivado com toda a grandeza de acompanhamento, fausto, gallas, e grandioso banquete, depois do qual houve sarão, bailes, e grande musica, despediram-se os convidados deixando aos felizes noivos na sua tranquillidade, seguindo-se depois disto cuidar

Cosme na primeira economia da sua casa, a qual principiou em vigiar janellas, e portas, trancando-as muito bem, e depois entrou a ordenar a tarifa, ou regimento que se havia de observar em sua casa no que tocava a comedorias, recommendando a sua mulher muito efficaz, e seriamente a execução delle; ordenou-lhe que para evitar o maior gasto, e fazer-se pouca despeza, nos dias de carne fizesse ao jantar forçura, dobrada, mólhos, ou cabeça de carneiro; e á noite figado, bofes, ou faceiras de vacca, e nos dias de jejum, legumes, ou couve, cada uma destas cousas per si só; e á noite se podia tendo jantado tam bem, passar com uma sallada, sardinhas ou mexilhões, por serem estes alimentos, além de substanciaes, baratos, fazerem boas côres, e serem mui sádios, o que não succedia nos outros que além de pôrem a gente em debilidade, eram nocivos á saude; e que não queria que entrasse em casa, queijo, manteiga, assucar, vinho nem geração de doce; porque eram os alimentos mais efficazes a causarem estupores; e eram estes acepipes bons para golozos! e dito isto se levantou, dizendo que eram horas de recolher, porque as candeias gastavam muito azeite, e este se vendia caro.

Com grande paxorra escutava Eufrozina estes preceitos, como quem não fazia conta de os observar, e sem replicar a cousa alguma se recolheu, e Cosme fez o mesmo; as criadas ficaram arrumando o loiça e toalhas, e de caminho murmurando da boa peça do seu novo amo, dizendo uma para a outra, perdidas estamos, amiga Leocadia, pois temos a fome mettida em casa, bello traste adquiriu a Senhora no seu grande casamento; mas ella que assim o quiz ella o sentirá e é bem feito que o sinta; pois era escusado cazar-se não lhe faltando nada. Tu, Leocadia, respondeu a outra, entendes que nossa ama não saberá ensinar este molino? Ella não tem paciencia para viver apperriada, nem eu me sujeitarei por nenhum caso ás miserias e apertos deste Cosme, ou come em vão: deixa-me com elles, que eu lh'a pregarei nas meninas dos olhos. Assim descorriam, quando Cosme que

não dormia, as sentiu estar a cochichar, o qual dando-lhe dois gritos, lhe pôz o preceito, de que logo logo appagassem as luzes, e se deitassem ás escuras. pois não estava o tempo para gastos desnecessarios; ao que ellas obedecendo assim o fizeram.

Amanheceu o dia, e levantou-se Cosme mui diligente para reconhecer as joias, moveis, e alfaias de sua mulher, e tomar de tudo a desejada posse; e pondo a mão por cima delles, dava mil parabens á sua grande ventura. Despertou as creadas, para cada uma cuidar na sua obrigação, e serviço da casa: acudiu Leocadia perguntando-lhe por Leonor a qual não apparecia; e dando ambos busca aos cantos da casas por mais que buscaram a não acharam. Espantou-se disto Cosme e levantando um grande grito, chama pela mulher e diz-lhe que fugira a creada e que depressa se levantasse para vêr se lhe faltava alguma cousa.

N'estas pressas se esqueceu Eufrozina de encobrir as suas mazélas, e velhice, deixando vêr a sua cara encarquilhada, sua cabeça branca, e calva, e a sua bocca desdentada, falta que suppria a poder de dentes postiços, com as unturas, e com um xinó que tinha; pois por boas contas estava já a noiva mais avançada dos sessenta e cinco para cima, do que dos vinte e dois, que mostrava com os besntos.

Não é necessario dizer como Cosme ficou á vista deste espectaculo, e transfiguração; Julgue-o o leitor, pois escusado é gastar palavras em cousas, que a imaginação pôde supprir; e só digo, que vendo Eufrozina que tinha cábido no descuido de mostrar o que não quizera se visse tanto á escancara, antes de fazer averiguações, nem exames, se foi para dentro pôr o seu xinó, mas com tal turbação que em vez de o por como devia, o poz ás avessas, ficando com este engano peor do que estava sem elle; e indo para vestir a saia, querendo ir ver o que lhe pertencia se faltava, e o caminho que tinha levado a criada, mas nem esta achou, nem o vestido, ornato, joias, e nem o proprio vestido com que se tinha desposado; porque não só com tudo

isto tinha abalado, se não até que o vestido de Cosme tinha furtado naquella noite a tal creada Leonor, por não ir desapercebida: o que Cosme fez neste inexperado caso, não há línguas que o digam, nem pennas que o descrevam, só quem souber quanto á custa do seu corpo o havia ganhado, poderá julgar o seu sentimento, afflicção, e pena, principalmente não achando elle na mulher consolação alguma; porque bastava o seu horrivel aspecto, para metter medo ao mesmo inferno.

Se nella punha os olhos pasmava, se os voltava para outra parte, não via o seu vestido, se mettia a mão na algibeira, não achava a bolsa; com este tropel de miserias, e pezares andava pela casa como doido dando gritos, palmadas e suspiros. A mulher em lugar de o consolar ao menos, foi-se metter no retrete, donde tinha o toucador, e o seu Jordão, e se poz a querrenar o focinho, e a besuntar-se.

Entretanto se levantou Aleixo, Sobrinho fingido da senhora noiva, e lhe perguntou a causa de tanta afflicção, e tanto que foi inteirado por miudo da fugida da creada, e roubo que fizera, consolou a Cosme dizendo-lhe que se não amofinasse por tam pouca cousa, que uma só feira rica fazia um bom mercador; expoz-lhe, que todos os bens temporaes eram momentaneos, e estão sujeitos aos contrastes da fortuna, os quaes Deus dava como dador de tudo, e os podia tirar quando fosse servido.

Com estes saudaveis conselhos lhe amouçou a paciencia dizendo-lhe; que não havia cousa mais facil, que buscar a ladra, e tirar-lhe o furto. Com estes confortos cobrou Cosme algum alento, e se esforçou muito mais, vendo a Eufrozina crenada, e lhe pareceu que se tinha enganado, e que não era tam enorme como se lhe tinha representado; e dando Leocadia as senhas dos covis da fugitiva creada, sabiu Cosme e Aleixo em busca della, donde os deixaremos, para na Terceira Parte darmos a ler aos curiosos o infeliz exto, que teve este enganoso casamento, e o modo porque o Manhoso Cosme, em breve se viu

sem bens, nem mulher, servindo-lhe esta tragica scena de lhe apressar a morte; pois como era ambicioso, nos bens que lhe furtoaram lhe levaram parte da vida.

Esperando no complemento desta obra satisfazer o gosto aos curiosos leitores.

TERCEIRA PARTE.

Nesta terceira, e ultima Parte, curiosos Leitores, finaliza a vida e miseraveis acções, caviloso casamento, roubos que lhe fizeram, e ultimo fim que teve este mesquinho, sendo causa de tudo a sua muita ambição de querer amontoar riquezas sobre riquezas, o que tudo serviu para outrem se utilizar, vindo elle a acabar pobre e miseravel.

Deixamos na segunda parte a Cosme principiado a roubar; mas em parte consolado com os saudaveis, ou para melhor dizer enganados, e cavilosos conselhos de Aleixo, o qual lhe fez facil o achar-se a ladra e fugitiva creada, em busca da qual sahiram ambos, mas n'isto deram passadas escusadas; pois claro está que a ladra se não havia metter em parte aonde com tanta facilidade dessem com ella, se bem que Aleixo fez esta busca com Cosme, mais por velhaco, do que por sincero, deram volta a todos os bairros, e de Leonor não acharam rasto, e desenganados com tantas buscas, deram volta para casa bem enfadados, e muito mais Cosme vendo-se na du a necessidade de bulir no seu thesouro para acudir ás obrigações de casado, visto que sua bolsa levára o mesmo caminho que o vestido, não satisfeita a fortuna com este grande repellão, que deu no desgraçado Cosme, repetiu outros dentro de bem poucos dias, porque, como já disse, era bonacheirão, e muito mofo, isto bastava para ser infeliz.

Estando um dia comendo, bateram á porta dois creados, dizendo, que seu amo beijava as mãos da senhora Eufrozina, e lhe pedia que tivesse a bondade de lhe remetter a prata que lhe emprestára para a funcção do seu noivado.

Recebeu Eufrozina o recado, e a resposta

não pôde ser outra que entregar a grande baixela de prata, que tanto enchera as medidas, e os olhos de Cosme: elle se quiz fazer forte; dizendo que tudo quanto estava d'aquellas portas para dentro era seu, e lhe pertencia como dote de sua mulher; mas por fim de razão a prata foi para seu dono, depois de Cosme em vão quebrar a sua cabeça com gritos: *rego e colerico* entrou a dizer, e a fazer destampatorios como homem sem juizo, queixava-se do engano, e ameaçava a Eufrozina com o divorcio: ella affectando humildade, lhe dizia, que em lugar de affrontas merecia finezas, e estimações; pois o que tinha urdido só fora encaminhado a grangear um marido tam bom como elle, e que não podendo o matrimonio dissolver-se, era prudencia ter paciencia.

Que havia Cosme responder a isto senão encolher os hombros? accomodou-se, mas nem por isso d'alli em diante comeu bocado com gosto. Aleixo comia, e caçava, e quando presencava arruídos, se mettia, e introduzia a paz como melhor podia. Ainda com estas desgraças, se déra Cosme por contente com o cabedal que lhe ficava, e passára sua vida com socego, se a fortuna não continuára em perseguil-o; mas ainda elle não estava bem convescido do passado golpe, quando a fortuna adversa lhe descarregou outros penetrantes.

Veio um armador pedir a Eufrozina os cortinados, e tapeçarias, e juntamente o aluguel de tudo, do decurso de tres mezes vencidos: aqui acabou Cosme de perder a paciencia, e a não se metter no meio Aleixo, que era o Iris das tormentas, desaforára sua cholera contra Eufrozina. Ella vendo-se assim maltratada chorava, e arguia de ingrato, e desatento, ao marido, dizendo-lhe que as mulheres da sua qualidade não se ultrajavam d'aquella sorte; mas a isto respondia Cosme, que a sua honra era o seu dinheiro; mas com isto nada aproveitava, nem aproveitou, e não teve mais remedio, que dar uma sangria á bolsa, e pagar ao armador, e entregar-lhe tudo que elle disse que era seu.

Aos gritos, e vozes de Cosme, acudiu um

vizinho dizendo, que já não podia aturar os gritos, e alaridos, que todos os dias se faziam nas suas casas, e que como via que cada dia ia peor, os dava desde já por despedidos das suas casas, dando-lhe só vinte e quatro horas de prazo, para procurarem outras, e lh'as darem despejadas, e que se fossem embora. — «Como embora? respondeu Cosme: Vmc. é que se ha-de pôr já na rua muito depressa; pois estas casas são minhas como parte do dote de minha mulher.» O senhorio surrindo-se, lhe respondeu: «Não estou para quebrar a cabeça com loucos, digo-lhe em cortezia, que despeje as minhas casas; e se não entendêra que está louco, lhe juro que a janella seria a porta por d'onde o fizera sahír bem depressa para a rua...» Anojou-se tanto Cosme com isto que ouvia, que se a mulher e o Sobrinho o não desenganam, e se mettem de permeio, elle certamente fazia algum desatino; mas que podia fazer Cosme n'este caso, senão calar-se pois não tinha animo para outra coisa. Como desesperado sahíu Cosme para a rua, e em seu seguimento Aleixo, por mandado de Eufrozina, para que com os seus conselhos o reportasse, o qual por bons modos lhe metteu na cabeça que fosse procurar umâs casas, e as alugasse; com effeito conveio Cosme n'isso e a poucos passos as acharam, e alugaram, ficando ajustada a mudança, para o seguinte dia.

Voltaram a casa, e Jando Aleixo conta á Tia do succedido, ajustaram entre si a mudança. Na manhã do seguinte dia, disse Eufrozina ao marido, que fosse para as novas casas esperar o fato, em quanto Aleixo ia a buscar quem o transportasse. Cosme que nada tinha de retrincado, fez o que lhe disseram, e Aleixo sabindo a buscar homens, que transportassem os trastes, os mudou todos em breve tempo, levando juntamente a Eufrozina, e Leocadia, e assim se ausentaram, sem dizerem para onde.

Enfadado Cosme de esperar, veio a casa para conduzir os homens, e a sua mulher, e não achando nas casas, nem fato, nem gente, perguntou por ella aos vizinhos. os quaes

lhe disseram, que já se fizera a mudança. Voltou às novas casas à carreira cuidando que impacientes o esperavam, e não vendo rasto d'elles, conheceu que de todo estava roubado. Então como doido dava com a cabeça pelas paredes, e dizia: «O' desgraçado de mim! Certa é a minha perdição? em maldicta hora fiz este casamento, que tanto me tem custado! para donde iria esta roubadora do meu remedio, que com tanto trabalho, e á custa da minha barriga ajuntei, para agora ver tam maus gostos d'elle, tendo-o tam bem guardado para passar a vida com algum descanço?»

Estas lastimosas queixas, fazia o pobre Cosme, e com a mesma lamuria tornou a casa a informar-se pela visinhança, que caminho tomára o seu fato; mas não achou outra noticia, que ser certa a fuga de sua mulher, Sobrinho e creada, com toda a malalotagem. Cosme no meio da roda de gente, que concorreu, estava attonito sem outra consolação, que dizerem-lhe todos que tivessem paciencia, que era remedio efficaz contra todos os males, que podem assaltar a miseravel vida humana.

Como as esperanças animam no meio das desgraças, entrou Cosme a correr todos os bairros, e entradas da Cidade, não deixando rua, nem travessa em busca dos fugitivos, que lhe levavam o coração entre o seu dinheiro, sem achar noticia alguma, porque eram mais astutos que elle. Depois de muitas voltas, e revoltas baldadas, encaminhou Cosme os passos para casa de seu amo, chorando o miseravel estado a que se via reduzido, sem real, e carregado com as dividas que fizera na compra das joias, e do vestido, que á sua ingrata traidora déra; mas ainda aqui não pararam as desgraças de Cosme; pois lhe succedeu, como diz o dictado, perdigão perdeu a penna, não ha mal que lhe não venha: pois sahindo um dia para fóra, deu de cara a cara com a creada Leonor, e lançando-lhe as mãos lhe disse: Agora me pagas ladra o que me roubastes na noite que fugistes de minha casa...» Respondeu ella chorando, mas com grande firmeza de animo: «Vejo o que Vmc, me diz; mas bem mostra, que pa-

gou mal ás espias, e bem receiava eu que em mim cahisse o raio logo que minha ama ordenou ao Sobrinho, que escondesse as joias, e vestidos, mandando-me na mesma noite para os meus parentes (desgraçadas somos todas as que servimos para comer); e assim oiça-me Vmc. antes que me desacredite, attenda que sou mulher, e que estou innocente, e para que se me não siga descredito, entremos n'aquelle páteo, e saberá quem tem as suas joias, e vestidos, pois bem sei já que supeita de mim, e que minha ama foi quem me infamou de ladra.» Cosme, como já disse, não era malicioso, e vendo que a moça se desfazia em lagrimas, deu-lhe credito, e entrou com ella em um páteo, que alli estava, e lhe contou miudamente quem era Eufrozina, seus costumes, e o intento com que se casára com elle, que não fóra outro se não rouba-lo. Disse-lhe que Aleixo escondêra as joias, e vestidos na carvoeira, e que lhe mandára, que quando seu amo dormisse, fosse ella para casa dos seus parentes; porque assim convinha por certos respeitos, que ella bem entendêra: mas que elles eram amos, e ella serva obrigada a obedecer a olhos fechados, e tudo isto confirmou com lagrimas, dizendo-lhe em muito segredo, que vivesse acautellado, para que o não roubassem de todo, e que no mais fizesse o que lhe parcesse; porque ella alli estava para tudo que fosse servido.

Cosme não sabendo desembrulhar esta miada, se mettu em outra dizendo: «A bom tempo me avisas, quando já não tem remedio; porque tua ama fugiu com todo o meu cabedal», e contou-lhe quanto lhe tinha acontecido: «Que me diz, senhor? isso é possivel! exclamou a moça: não de balde tinha eu lastima de Vmc.; mas não me atrevi a fallar, porque quando se esconderam as joias, e vestidos, disse eu á minha ama, que não desse a V. mercê sustos, nem desgostos, e ella me descarregou alguns bofetões, e por isso me acobardei; porque o meu intento era contar-lhe tudo.» — «Muito tarde me contas isso lhe disse Cosme, quando já os meus roubadores desertaram, e não acho quem me dê no-

ticias d'elles.» «Ai, senhor, disse a maliciosa creada, não lhe cause isso pena, que eu lh'os desencantarei por mais escondidos que estejam, deixe isso por minha conta, e diga-me aonde o posso achar para o avisar quando for tempo.» E com esta facilidade achou modo de escapar-se.

E' muito proprio dos máos vendo um cahido ajudar-o a despenhar mais depressa, e os bons a crer logo quanto lhe dizem. Ouviu Cosme a criada, e dando-lhe crédito, lhe pediu muito encarecidamente se compadecesse, e inquirisse onde se tinham embuscado os seus roubadores, prometendo-lhe que não ficaria sem premio; e a criada se animou com isto a estafal-o, pedindo-lhe algum dinheiro para repartir com as pessoas de quem se queria ajudar neste descobrimento. O pobre Cosme se foi valer de um amigo [e não foi pouco achá-lo um miseravel] e lhe emprestou dezeseis tostões, que metten na mão da ladra, tornando-lhe a recommendar a diligencia; disse-lhe ella que estivesse descansado, porque o que lhe tinha dado, não o deitava em sacco roto, e com estas artificiosas mentiras, e descarados enganos se despediu d'elle, para nunca mais elle lhe pôr a vista; e Cosme se foi a chorar amargamente a sua desgraça em casa de seu amo, esperando pela creada, até que conheceu a cavilação.

Divulgou-se o caso entre os mais creados, uns o consolavam, e outros zombavam d'elle, dizendo: homem que não come por não gastar; furtando ao corpo, passando mal, padecendo fomes, miseria, e desnudez é bem que assim lhe succeda; e quem mais o penalizou, foi seu amo, o qual sabendo o tragico successo que a Cosme tinha acontecido por lh'ó dizerem os mais criados; lhe deu em rosto com o seu infeliz casamento, advertindo-lhe, (mas já sem remedio) que devia fazer exactas diligencias e um rigoroso exame de quem era a noiva; pois ninguem se casava sem informar-se dos teres, genio, honra e qualidades; e que só se casavam ás cegas, sem haver estas averiguações. quem era do seu genio, misero, e ambicioso; porque só

olhava para a mobilia; a qual lhe tinha enchido tanto os olhos, que ficara com elles tapados para não ver o que mais devia olhar; mas já que a sua miseria e cegueira, tinha em tal cahido, e que já não tinha remedio o não desampararia em quanto quizesse estar em sua casa.

Estes conselhos, como por modo de reprehensão, ouviu Cosme de seu amo, a quem agradeceu o querel-o conservár, sem ter que responder ao mais, pois conheceu quanto lhe tinha dito, eram solidas verdades; e estas advertencias junto com a mofa, que os companheiros d'elle faziam, penalizou a Cosme no intimo do Coração; e d'alli por diante nunca mais teve alegria, nem saude, vivendo em um continuo suspirar, e gemer; mas o que o acabou de prostrar, foi uma inexperada nova que por ser a ultima, foi a mais sensivel.

Teve Cosme noticia certa, que Eufrozina sua mulher, fora roubada em uma estalagem, indo-se retirando com os roubos para a sua patria, na companhia do seu fingido Sobrinho para lá comerem com descanso, o que ao pobre Cosme tanto trabalho tinha custado e que o mesmo Sobrinho, tinha sido quem a tinha roubado n'aquella tal estalagem, donde tinham pernoitado no terceiro dia da sua fugida, ausentando-se o dito com a criada Leocadia, que tambem levavam de companhia, deixando a fingida Tia em tal miseria, o desamparo, que para seguir a sua infeliz, e mal afortunada, jornada fez renuncia das galas e perfumes, bezuntos e enfeites, e continuou a caminhar a pé valendo-se para matar a fome, de ir pelas estradas e logares pedindo esmola; e não faltou quem affirmasse a Cosme, que ella vendo-se pobre e desamparada, adoecera no caminho. e com a vehemente pena que concebera, morrera.

Quando Cosme recebeu esta infausta noticia, lhe fez totalmente perder as esperanças de lhe tornar á mão o seu cabedal, e foi causa de cair de cama com uma febre aguda, a qual logo deu symptomas de ser a doença mortal, e vendo-se desenganado, e que era chegada a ultima hora, quiz dis-

por-se para a esperar, cuidando em fazer seus apontamentos, ou para melhor dizer, testamento, e não obstante o estar pobre, ainda desse pouco quiz fazer sua bem arrazoada repartição: cujo testamento, como ultima

das suas memoraveis acções, prometto dar a lér aos curiosos: o qual finaltsádo que foi expirou, deixando o mundo, mas de duas miserias; uma perpetua memoria.



CATALOGO D'ALGUMAS OBRAS

DA

LIVRARIA POPULAR

LARGO DOS LOYOS N.º 45

PORTO

Auto da vida e milagres de Santo Antonio de Padua, da Ordem de S. Francisco, natural de Lisboa.

Auto da muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

Auto do Dia de Juizo.

Auto de Santo Aleixo filho de Eufemiano, Senhor de Roma.

Auto de Santo Antonio, livrando seu Pae do patibulo, por A. M. da Costa e Azevedo.

Atrocidades de Margarida de Cisnero.

- Auto de Santa Catharina, Virgem e Martyr.
Auto de Santa Genoveva, Princesa de Barbante.
Auto de Santa Barbara Virgem e Martyr.
Auto novo e curioso da Padeira de Aljuharrota, por Diogo da Costa.
Arte, que ensina a curar Bois, Vaccas, Borregos, Porcos, Cabras, e Ovelhas.
Aventuras Galantes de Dois Fidalgos Estudantes, ou a história admiravel da famosa Cornelia de Bolonha.
Adão e Eva, Estado Primitivo da Natureza.
Abc dos Amores, ou Arte de conversar em verso.
Aventuras de D. Bacalhau Quaresma e de D. Sardinha de Espixa
Belmiro Cantor do Douro.
Bebedo Mor ou Juiz dos Bebedos, no dia de S. Martinho.
Conto das Fadas, ou Lobishomens.
Correio Fiel do Amor, ou Conductor de Cartas Amorasas, para intelligencia dos amantes.
Cartas Amorasas que ao seu amante dirfge uma apaixonada.
Confissão Geral do Marujo Vicente.
Diabo com Botas, dialogo entre a borboleta e o diabo com botas.
Fiel Secretario do Amor, ou nova collecção de Cartas Amorasas, tanto em proza como em verso, para ambos os sexos.
Grande Milagre, que fez Nosso Senhor Jesus Christo, a uma mulher que vivia nas montanhas.
Grande Milagre que fez Nossa Senhora do Monserrate, na companhia do Menino Jesus.
Historia do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França.
Historia do grande Roberto, Duque de Normandia e Imperndor de Roma.
Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Ledonio de Roma.
Historia da Princeza Magalona, Filha de El-Rei de Napoles e do nobre e valoroso Cavalleiro Pierres Pedro da Provença.
Historia da Douzella Theodora, em que se trata da sua grande Formosura e sabedoria.
Historia verdadeira, acontecida no reino do Algarve.
Historia da vida e feitos do engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.
Historia de Gil Braz de Santilhana.
Historia Curiosa da vida do Conde de Castella, e dos sete-Infantes de Lara.
Historia dos trez filhos, ou o gato com botas,
Historia de João de Calais.
Historia verdadeira de Maria José que matou a sua mãe em Lisboa.
Historia Jucosa dos Trez Corcovados de Setubal; Lucrecio, Flavio e Juliano.
Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo.
Malicia e maldade das mulheres, e malicia dos homens, obra novamente feita.
Malicia das mulheres, obra novamente feita.
Motes, decimas, e glozas, glozadas em contraste.
Menino da Matla e o seu cão Piloto, conto moral.
Menino perdido, conto moral, accrescentado com conselhos e avizos de uma mãe a seus filhos.
Nova serragem da velha, para divertimento da mocidade.
Nova Castro, tragedia de João Baptista Gomes Junior, nova edição
Novo Abc dos Amores, ou o Janota camponez, prezo a sua amante com a chave dos dois corações
Nova collecção de quadras, motes, glozas e sonetos.
Novo Abc dos Amores ou a firmeza dos verdadeiros amantes.
Novas canções amorosas ou amor de Cupido.
Os dois poetas, ou os melhores cantores da aldeia discorrendo em versos amorosos.
Oração do Justo Juiz de Nazareth Gilho da Virgem Maria.

Preces, para cada um fazer a Jesus Christo, Salvador Nosso.

Puras verdades de um Soldado, estando ouvindo missa, servia-lhe de livro um rallo de cartas.

Poezias ternas e amorosas, ou uma conversação entre os dois amantes, Manoel e Maria.

Palavras Santissimas e as armas da igreja contra os raios, trovões, terremotos, pestes e fempsteades.

Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo.

Santo milagre acontecido no reino de Valencia, a um tecelão.

Tragedia do Marquez de Mantua.

Theatro de amorosas poesias, e a correspondencia entre dama e cavalheiro.

Testamento que fez Manoel Braz, mestre sapateiro.

Testamento da Gallinha, para divertimento da Mocidade.

Testamento que fez um gallo.

Testamento que fez um infeliz cão sentenciado á Pena ultima.

Testamento que fez um porco para recreio da Mocidade

Viagens e aventuras incriveis do celebre barão de Kacarakà.

Vida e famozas acções do celebre Cosme manhoso.

Vida do Cacaceno filho do simples Bertoldinho, neto do astuto Bertoldo.

Versos á Sagrada Paixão de Jesus Christo, e das sete Dores de Nossa Senhora.

Versos á Sagrada Paixão do Divino Redemptor, e á Senhora da Piedade,

Tambem se vendem: Alphetos, taboadas, Cartilhas do Abbade de Salamoude, Caticismos de Montpellier, Pautas, Traslados, Procurações, e um grande sortimento de Entrenzes de todas as qualidades, etc, etc.

HISTORIAS MODERNAS :

Jardim Literario.

Cuco e Mocho.

Velha louca (entremez).

Baile de Entrudo (entremez).

Socco para sete;

Fragata Meduza.

Testamento do gato.

Decimas que fez um frade.

Cariça e pardal.

Sete palavras de Christo.

Carta de indulgencias da Paixão de Christo.

Paulo e Virginia,

D. Iñez de Castro.

Mysterios de Pariz (16 volumes adornados de estampas lithographadas.)

